



Centro Universitário de Brasília  
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas - FATECS  
Curso de Comunicação Social  
Habitação em Jornalismo  
Disciplina: Monografia Acadêmica  
Professor Orientador: Paulo Paniago

Liana Farias Carneiro de Sá  
RA: 20654421

**As flores que ele plantou**  
Abordagem da aids nas crônicas de Caio Fernando Abreu

Brasília, 2010



Liana Farias Carneiro de Sá  
RA: 20654421

**As flores que ele plantou**  
Abordagem da aids nas crônicas de Caio Fernando Abreu

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientador: Paulo Paniago

Brasília, 2010



Liana Farias Carneiro de Sá  
RA: 20654421

**As flores que ele plantou**  
Abordagem da aids nas crônicas de Caio Fernando Abreu

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientador: Paulo Paniago

Banca Examinadora

---

Prof. Paulo Paniago  
Orientador

---

Prof. Mônica Prado  
Examinadora

---

Prof. Severino Francisco  
Examinador

Brasília, 2010

aos meus avós Lenilce e José Joaquim, e aos meus pais Luciane e Jairo  
***por acreditarem sempre***

## **AGRADECIMENTO**

Aos amigos comunicadores agradeço o incentivo e a vibração positiva de sempre. Aos professores Carlos Resende, René, Joelma, Flor Marlene e Zé Severiano, por apontarem um caminho mais bonito e humano nos tempos em que me perdi pelo mundo da publicidade. A Sérgio Euclides, Beto Rocha, Elis Regina, Magda Lúcio, Mônica Prado, Ana Paula Ferrari, Letícia Renault, Severino Francisco e Luis Cláudio, meu carinho, respeito e admiração. A todos aqueles que participaram ativamente da gestação desde trabalho: Lídia Oyo, pela pesquisa, companhia e pingos nos "is"; o pessoal da biblioteca do Senado Federal, por todos os carrinhos empoeirados, xerox, clips, luvas, máscaras e boa vontade; Ana Clara Rocha, por abrigar, compreender e ensinar tantas coisas; Luciana, por indicar o caminho das pedras; Léo Lincon, por diminuir a distância; Paula Dip, pela atenção; Jorge Cabral e Cláudia Abreu, pela disponibilidade de conversar. A Roberta e Guilherme, que durante os quatro anos da faculdade foram minha casa, chão e ar. Ao amigo, e doutor, Paulo Paniago, dedico um sorriso cúmplice, de quem aprendeu a gostar.

## RESUMO

Caio Fernando Abreu foi um importante escritor brasileiro, nascido em Porto Alegre em 1948. Durante as décadas de 1970, 1980 e 1990, ele publicou livros de contos, crônicas e romances, além de antologias, livros infantis, traduções e obras traduzidas. Até hoje são quinze publicações. Entre os trabalhos que Caio Fernando realizou como jornalista destacam-se a revista *Veja* e *O Estado de S. Paulo*, além de ter colaborado para a *Folha de S. Paulo*, o jornal *Zero Hora*, a *Istoé*, e ter sido editor da revista *Around* (que depois virou *A-Z*). Jornalista e escritor de personalidade marcante, Caio assumiu publicamente, por meio de crônica divulgada no *O Estado de S. Paulo* em 1994, ter sido contaminado pelo vírus da aids. Antes disso a doença já era presente nos textos de Caio Fernando Abreu, que enfrentou a situação com valentia, dignidade e grandeza. Ele dedicou os últimos anos da vida a escrever, revisar trabalhos e cuidar de flores. Com base nas crônicas publicadas por ele no *O Estado de S. Paulo* durante os anos de 1986 a 1996, este trabalho faz uma análise de como a aids aparece nos textos de Caio, e observa a maneira como o jornalista escreveu com intenção de derrubar o preconceito de que a doença seria uma peste que só atingia pessoas malditas. Caio não era maldito e tinha aids. Foi dessa forma que ele encarou a sociedade, a família e os amigos. Sem condenar a liberdade sexual (que a cada dia é mais vivida pelos jovens), e sem se desculpar pelos motivos que fizeram com que ele contraísse o vírus. A única coisa que Caio queria fazer era escrever...

**Palavras-chave:** Caio Fernando Abreu, jornalismo, crônica, aids, *O Estado de S. Paulo*, *Pequenas epifanias*.

## SUMÁRIO

Introdução.....	08
1. Semente.....	10
2. A crônica.....	11
3. Caio.....	13
3.1 A aids e o Teste.....	17
4. O escritor positivo.....	21
4.1 Girassóis.....	24
5. Conclusão.....	25
Referências bibliográficas.....	27
Lista de imagens.....	28
Anexos.....	29

## INTRODUÇÃO

Conheci a literatura de Caio Fernando Abreu em 2003, quando morei em São Pedro da Aldeia, no Rio de Janeiro. Um amigo sugeriu que eu lesse o conto *Para uma avenca partindo*, do livro *Fragmentos*, e logo me encantei pela maneira como ele escrevia.

Dali para frente Caio passou a ser uma espécie de guru para mim. Li toda a sua obra publicada: contos, crônicas, romances, livros infantis, poesias e peças de teatro. Busquei na internet vídeos, entrevistas e reportagens. Desde de então, mesmo que inconscientemente, dei início a um processo que me ajudaria bastante no momento em que comecei a escrever essa monografia.

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa realizada como projeto final do curso de graduação em jornalismo, pelo Centro Universitário de Brasília (Uniceub). Orientada pelo professor Paulo Paniago, dei início a busca por crônicas publicadas pelo jornalista e escritor Caio Fernando Abreu no periódico *O Estado de S. Paulo* entre os anos de 1986 a 1996. A ideia, em princípio, era analisar de que maneira as crônicas escritas por Caio, ao abordar o tema aids, contribuíram para a abertura do debate sobre a doença na imprensa brasileira.

Para verificar como a doença era abordada pela imprensa, escolhi três jornais importantes para usar como referência: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *Zero Hora*. Minha intenção era pesquisar todas as matérias publicadas sobre a aids por estes periódicos, durante os anos em que Caio escreveu para *O Estado de S. Paulo*, e desta forma verificar como era o ambiente que o jornalista encontrava na sociedade e nas redações no momento em que escrevia as crônicas.

A opção por analisar a *Folha de S. Paulo*, se deu pelo prestígio histórico que o jornal tem no país. *O Estado de S. Paulo* foi onde Caio publicou as crônicas. E optei também por analisar o *Zero Hora* por ser o maior jornal do estado do Rio Grande do Sul, onde o escritor nasceu.

Na biblioteca do Senado Federal encontrei um extenso material, organizado com matérias publicadas sobre a aids em diversos jornais brasileiros, desde 1983 até os dias atuais. A biblioteca possui em seu acervo pastas com um apanhado de notícias sobre a doença. Essa seleção me privou do trabalho de procurar notícias sobre o tema, e modificou os caminhos da pesquisa.

Ao iniciar a leitura das notícias percebi que o conteúdo divulgado pelos jornais em 1986, quando Caio Fernando Abreu começou a publicar as crônicas, já não era tão carregado de preconceitos como no início da década de 1980, quando a imprensa estampava manchetes preconceituosas, referindo-se à aids como a peste gay.

Então, parti para a busca por crônicas que o jornalista e escritor Caio Fernando Abreu escreveu para *O Estado de S. Paulo*. Procurei o nome do Caio em todas as edições que a biblioteca do Senado armazena. No fim de um mês inteiro de trabalho diário, de seis a oito horas por dia, encontrei cento e trinta e nove publicações. Somando com alguns textos do livro *Pequenas epifanias*, pude analisar um total de cento e cinquenta e duas crônicas escritas pelo Caio.

A primeira crônica foi publicada em 8 abril de 1986, e a última no dia 5 de fevereiro de 1996. Vasculhei dez anos de publicações, dia por dia, busquei as crônicas de Caio em cada página, de todos os *Caderno 2* que encontrei na biblioteca do Senado.

Este trabalho não pretende analisar a abordagem da aids no Brasil em termos de políticas públicas. O foco do estudo é uma sociedade cheia de preconceitos e moralismo, onde o texto de Caio pode ser considerado subversivo, na medida em que se apresenta quebrando paradigmas sociais. As crônicas do autor eram autobiográficas e ele escrevia abertamente sobre temas como homossexualidade e aids, considerados ainda hoje tabus na sociedade.

## 1. SEMENTE

Porque brotou da confusão apaixonada que despertasse em mim, que te julguei esclarecendo a vida, peça final de um quebra-cabeça, peça inicial de outro.  
Caio Fernando Abreu, *Dodecadro*

O livro *Pequenas epifanias* (1996) é uma seleção de crônicas que foi publicado pela editora Sulina, de Porto Alegre, três meses após a morte de Caio Fernando Abreu. A organização foi feita por Gil Veloso, amigo pessoal do escritor. Usando esta obra como referência e inspiração, dei início ao processo para reunir as crônicas publicadas por Caio Fernando Abreu no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Em 5 de abril de 1986, o jornal anunciava a equipe de jornalistas e colaboradores que participariam do *Caderno 2*, o suplemento de cultura que esteve sendo lançado pelo *O Estado de S. Paulo*. Caio escreveu para este caderno durante o período de dez anos, de 1986 a 1996, com intervalo de cinco anos, entre 1989 e 1993, quando esteve envolvido com livros, e viagens internacionais.

Nos primeiros anos, as crônicas eram publicadas na coluna *Antena*, que em 1986 teve como colaboradores: Osmar Freitas Júnior, Antônio Bivar, Marco Antônio de Lacerda, Raul Drewnick, Nirlando Beirão, Luis Fernando Emediato, Ariovaldo Bonas, José Márcio Penido, José Nêumanne Pinto, Walcir Carrasco, José Maria Maryink, Marcos Rey, Ademir Assunção, Susana Kakowicz, o cartunista Luis Gê e Carlos Drummond de Andrade.

Durante os anos em que foi colaborador do *O Estado de S. Paulo*, Caio Fernando Abreu primeiro tinha suas crônicas publicadas semanalmente, às terças-feiras. Depois elas passaram a ser quinzenais, aos domingos, alternadamente com Antônio Bivar. No início, Caio também assinou matérias sobre música, literatura e arte, no mesmo caderno. Os textos abordavam temas como amor, morte, política, alegria, Deus, mitologia, anjos, sexualidade, tédio, solidão, São Paulo, Rio de Janeiro, Paris, Londres, Porto Alegre, flores e mais flores.

A crônica possibilitava que Caio usasse, no jornal, o mesmo tom que trazia na literatura. Despojado, desbocado, intenso. Ele escrevia com espontaneidade sobre todos os assuntos.

## 2. A CRÔNICA

A sabedoria humilhante de quem percebe coisas apenas suspeitas pelos outros.

Caio Fernando Abreu, *A quem interessar possa*

A crônica é tida como estilo pioneiro na história da literatura brasileira. Um texto que registra fatos segundo o ponto de vista do autor. Exemplo, citado por Jorge de Sá, no livro *A crônica*, é a carta que Pero Vaz de Caminha escreveu a Dom Manuel quando chegou ao Brasil, para relatar o que via no continente que acabava de ser “descoberto” pela tripulação portuguesa. Segundo o autor, é este relato que dá início ao princípio básico da crônica.

Desta forma, o primeiro estilo literário surgido no Brasil foi a crônica no formato europeu, texto que noticia algo seguindo uma ordem cronológica. A crônica é desenvolvida no país como estilo híbrido, imerso e definido tanto na literatura como no jornalismo, e assim, possibilita o surgimento de um texto lúdico, liberto e direto dentro da imprensa.

Em 1836, o jornalista Émile de Giardin, editor do jornal francês *Le Press*, começou a publicar no rodapé do jornal uma série de romances, histórias a respeito do dia a dia das pessoas. Era a origem dos folhetins, estilo jornalístico que chegou ao Brasil por intermédio de Francisco Otaviano, em 1852, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro (Coutinho, 1971: 112). Jornalistas e escritores, como José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto e Clarice Lispector, deram continuidade e aperfeiçoaram o estilo.

João Paulo Alberto Barreto Coelho (1881-1921), jornalista conhecido como João do Rio, percebeu que a transformação na sociedade brasileira pedia também uma mudança na forma em que os fatos eram apresentados aos leitores nos jornais. Ele decidiu sair da redação e foi para as ruas, colher histórias para os textos. Buscar pautas na observação, e não na imposição, ou na necessidade da notícia. Dessa forma a crônica estreita ainda mais os laços entre o autor e o leitor.

O cronista age de maneira mais solta, dando a impressão de que pretende ficar na superfície de seus próprios comentários, sem ter sequer a preocupação de colocar-se na pele de um narrador, que é, principalmente, personagem ficcional [...] quem narra uma crônica é o seu autor mesmo (Sá, 2008: 9).

Diante da limitação de espaço disponibilizado para publicação do texto, João do Rio cria uma nova construção gramatical para a crônica. “A sua sintaxe lembra mais alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito” (Sá, 2008: 11).

O cronista desenvolve o texto com linguagem solta e leve, com humor que desperta atenção do leitor. Ao narrar fatos do cotidiano ele toca, mesmo que superficialmente, em assuntos que levam questionamentos a quem lê.

Em meio a um jornalismo que a cada dia especializa-se mais na divulgação de tragédias, violência e corrupção, a crônica existe, e resiste, na imprensa como um sopro de reflexão humana dentro do cotidiano desacreditado da maioria dos leitores. A crítica social é uma das características principais deste gênero. Num diálogo entre autor e leitor, a crônica torna-se uma soma entre literatura e jornalismo, o narrador-repórter-autor possibilita que o leitor faça uma pausa para refletir sobre os temas abordados. Por se tratar de texto literário, o autor tem liberdade para criar e ultrapassar os limites do real.

José Marques de Melo, no livro *Jornalismo opinativo*, define a crônica dentro do jornalismo com um gênero tipicamente brasileiro. Em nenhum outro país fica tão claro o formato e a intenção da crônica.

A informação é apresentada como um diálogo espontâneo, em ritmo literário e algumas vezes poético, num tom de espontaneidade que aproxima o leitor. Normalmente, a crônica é apresentada como texto curto, rápido, que trata de algum fato do cotidiano. A liberdade literária possibilita que o autor aborde temas profundos sobre a condição humana.

### 3. CAIO

Tive coragem, o peito, a raça (esse orgulho ninguém me tira) de romper com essas podridões e aceitar em mim um tipo de amor, um tipo de necessidade e de afeto, e mesmo de vida contrários às normas usuais.

Caio Fernando Abreu, *Cartas*

Caio Fernando Loureiro de Abreu nasceu em Santiago do Boqueirão, Rio Grande do Sul, no dia 12 de setembro de 1948, às oito e quinze da manhã. Desde criança ele demonstrava interesse e talento pela literatura. Aos seis anos de idade, o primeiro filho do casal Zaél Menezes Abreu e Nair Ferreira Loureiro escreveu e desenhou a história em quadrinhos *Lili Terremoto*.

A mãe era professora e o pai, militar. A família possuía muitos livros em casa. Assim, os filhos foram incentivados para leitura desde pequenos. Influenciado por Monteiro Lobato e Clarice Lispector, entre outros, Caio tinha quinze anos quando teve o seu primeiro texto publicado na imprensa. O conto *O príncipe e o sapo* foi editado na revista *Claudia*, em 1963.

Dois anos depois, em 1965, o jovem escritor mudou-se para capital do Rio Grande do Sul, onde foi cursar o colegial num internato do Instituto de Porto Alegre. Caio sentia-se muito sozinho neste período: “Só penso em ir embora daqui; maldita a hora em que eu quis vir pra cá!” (Abreu, 2002: 351), escreveu em uma carta para a mãe.

Em 1967 Caio Fernando Abreu ingressou nos cursos de Letras e Arte Dramática, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URFGS). Mas, no ano seguinte foi selecionado por meio do 1º Concurso Abril de Jornalistas para integrar a primeira equipe da revista *Veja*, idealizada e dirigida pelo jornalista Mino Carta. Assim, aos 19 anos de idade Caio foi morar pela primeira vez em São Paulo e deu início à sua carreira na imprensa.

O contrato com a revista durou apenas alguns meses. Caio foi demitido por ter seu nome envolvido em passeatas e reuniões esquerdistas. O governo militar acabava de decretar o Ato Institucional (AI-5), era época de repressão e apesar de

não ter participado profundamente do movimento, Caio foi fotografado e fichado no Departamento de Operações Especiais (DOPS).

Não cheguei a ser preso. Eu tinha 19 anos. Assinei uns manifestos, fui a comícios e ia a passeatas mais para ver a Norma Bengell vestida naqueles seus vestidos do Paco Rabanne do que para protestar. Eu era um menino (Abreu *apud* Dip, 2009: 127).

Após a demissão, ele passou um mês procurando emprego em São Paulo, porém, a situação política não favorecia a imprensa brasileira, então Caio Fernando aceitou o convite da escritora Hilda Hilst e foi passar uma temporada morando com ela na Casa do Sol, sítio da escritora em Campinas (SP). “Eu passei a ser uma espécie de secretário da Hilda” (Abreu, 1995: D4). Os dois viveram uma intensa amizade durante toda a vida. “Nós fomos bem amigos. Caio Fernando viveu aqui por cerca de um ano.” (Hilst *apud* Dip, 2009: 130).

Durante o período em que morou na casa de Hilda, Caio organizou o seu primeiro livro a ser publicado, *O inventário do irremediável* (1970). Anos mais tarde, em 1995, Caio fez uma edição minuciosa no livro, que teve até o título modificado para *O inventário do ir-remediável*. Após a publicação, o escritor viveu por um período no Rio de Janeiro e em seguida voltou para Porto Alegre decidido a retomar o curso de dramaturgia. Caio não chegou a concluir a faculdade, logo foi morar em São Paulo novamente, e as coisas estavam começando a acontecer para o Caio escritor.

Em 1971, Caio lançou seu segundo livro, *Limite Branco*, romance pós-moderno, que o escritor Italo Moriconi definiria em prefácio como sendo: “Um romance de adolescência. E de tão perfeito que é, de tão bem construído, arrisco-me a dizer que se posiciona como um clássico no gênero em nossa literatura” (Abreu, 2007: 7).

O livro fala sobre um adolescente e suas histórias de dor, perda, alegrias e a busca por uma identidade. A obra foi referência literária sobre a geração do final dos anos 1960 e Caio ganhava cada vez mais representatividade na literatura contemporânea.

Em 1972, Caio Fernando foi passar uma temporada na Europa. Esteve na Espanha, Suécia, depois Estocolmo, Amsterdã, Holanda e Londres. Neste período Caio viveu num esquema hippie, lavou pratos para ganhar dinheiro e morou com grupos em casas abandonadas. Ele dizia: “Era uma época muito boa porque ainda

não havia a aids e o sexo estava completamente liberado. Eu fazia sexo, tocava flauta e deixei o cabelo crescer até a cintura” (Abreu, 1995: D4).

Em Londres, as atenções de Caio voltaram-se novamente para a literatura. “Eram tempos duros. Meu quarto não tinha eletricidade e eu escrevia à luz de velas, que roubava a noite de uma igreja gótica vizinha” (Abreu, 1995: D4).

Caio viveu por dois anos no exterior. Em 1974, voltou para o Brasil e foi morar na casa dos pais, em Porto Alegre. Durante este ano o escritor sentiu dificuldades para se readaptar à rotina brasileira, tão acostumado estava com o ritmo londrino. “Meu cabelo estava pintado de vermelho e eu usava cinco brincos em cada orelha e me vestia com aquelas batas de veludo cobertas de espelhinhos” (Abreu, 1995: D4).

Nesse período Caio Fernando Abreu trabalhou como jornalista na *Folha da Manhã* e organizou o livro *O ovo apunhalado* (1975). A obra foi bastante elogiada pela crítica e isso deu ânimo para Caio continuar a trabalhar com literatura.

O ovo apunhalado foi, e ainda é, um livro importante para mim. Primeiro porque, para publicá-lo, precisei voltar de um exílio voluntário em Londres para o Brasil e esquecer uma planejada viagem à Índia [...] Depois, porque marcou a transição entre um certo amadorismo dos dois livros anteriores (Abreu, 2001: 9).

Em 1977, a editora Alfa-Ômega editou um novo livro do autor, *Pedras de Calcutá*. A obra não foi muito comercializada. Para Caio, é “um livro que ninguém leu” (Abreu, 1995: D4). Nesse mesmo ano, Caio enfrentou momentos de tristeza e confusão diante da morte do seu psicanalista, e por isso decidiu viajar de carona pelo país, sem rumo definido, para esfriar a cabeça. “A ideia era chegar até a Amazônia, mas em Natal eu decidi voltar para São Paulo” (Abreu, 1995: D4).

Neste ano Caio trabalhou na revista *Pop*, da Editora Abril. Ele dizia:

Vinte e cinco dias por mês, nós não fazíamos absolutamente nada, ficávamos apenas nos divertindo. Depois, em cinco dias a gente se mudava pra redação, pedíamos pizza pelo telefone e fechávamos a revista (Abreu, 1995: D4).

O trabalho na revista durou apenas um ano. No mesmo período ele colaborava com a revista Nova e escrevia resenhas de livros para a revista *Veja*.

Quando a intérprete Elis Regina morreu, em janeiro de 1982, Caio escrevia para a coluna de literatura da *Veja*. Na ocasião, a revista publicou como matéria de capa uma cobertura a respeito da morte da cantora, que Caio considerou desrespeitosa. A manchete julgava preconceituosamente a artista, acusando-a de

ser usuária irrecuperável de cocaína. O jornalista não titubeou em pedir demissão. “Liguei para o editor de literatura e disse: ‘Por favor, vá dizer ao seu patrão que não quero nunca mais ver meu nome numa revista desse nível’” (Abreu *apud* Dip, 2009: 295).

Ainda em 1982 ele escreveu *Morangos mofados*, livro de contos, um dos maiores sucessos do escritor. Após a publicação foi morar no Rio de Janeiro, em um hotel no bairro Santa Teresa, onde terminou de escrever o livro *Triângulo das águas*, três novelas que segundo o autor foram mal entendidas pelos leitores.

Em 1984, Caio voltou a morar em São Paulo e foi trabalhar novamente no *O Estado de S. Paulo*, dessa vez, além das crônicas ele era copidesque da redação. Caio ficou nesse emprego por quatro anos, e sentia-se cansado da rotina. “Trabalhar em jornal mata a gente, rouba tempo, cansa, desgasta, desgosta” (Abreu *apud* Dip, 2009: 295).

Em 1987, Caio Fernando Abreu pediu demissão do jornal *O Estado de S. Paulo*, mas continuou como colaborador, escrevendo crônicas para o *Caderno 2*. Ele comentou o fato em carta escrita para a jornalista e amiga Paula Dip.

Insistiram para que eu continuasse com a crônica, topei. Afinal, gosto de escrever – e cá entre nós, já me rendeu pelo menos uns dois ou três namoros. E não é só por galinhagem (ando uma monja), mas também acho bom ter aquele espaço para falar de coisas que gosto ou acredito (Abreu *apud* Dip, 2009: 295).

São Paulo sempre esteve presente nos textos do escritor e do jornalista. Ele dizia viver uma história de amor e ódio com a cidade. Caio viveu muitos anos de sua vida na capital paulista.

Sampa é definitivamente um caso de amor mal resolvido, sabe como? Você já amaldiçoou mil vezes a vez em que a conheceu, você já deu na cara dela, ela já deu na tua cara (vezenquando ficam marcas feias, roxuras, inchaços, cicatrizes), você já bateu forte a porta de casa jurando vingança e nunca mais voltar (Abreu *apud* Dip, 2009: 137).

Em 1988, Caio trabalhou como editor da revista *Around* (que tornou-se *A-Z*), e manteve as crônicas no *O Estado de S. Paulo*. O senso crítico do jornalista e a maneira intensa como escrevia e posicionava-se, provocou, certa vez, um processo do prefeito de São Paulo, Jânio Quadros. No dia 28 de outubro de 1987 Caio escreveu uma crônica intitulada *Ninguém merece Jânio Quadros*, o texto começa assim: “Semana passada, me deu uma vergonha tão grande de morar numa cidade

que tem como prefeito essa figura lamentável do sr. Jânio Quadros” (Abreu, 1987: 2). O jornalista reclamava da sujeira, poluição e violência em São Paulo, além de sugerir que o prefeito fosse internado para uma faxina mental. Caio foi indiciado por colocar em dúvida a capacidade psíquica de Jânio, e respondeu com braveza à acusação: “Fico espantado da gente não poder se queixar das coisas que nos afligem, diariamente. É mais uma prova de decomposição deste país” (Abreu, 1988: 3).

Neste mesmo ano o escritor publicou também o livro de contos *Os dragões não conhecem o paraíso*, e a novela infanto-juvenil *As frangas*. Além de ganhar o Prêmio Molière de Air France para dramaturgia nacional com a peça teatral *A maldição do vale negro*.

Sobre este momento, Paula Dip, jornalista e amiga pessoal, afirma: “Caio trabalhava como jornalista, tinha amigos de sucesso e era um escritor de certo sucesso na maior cidade da América do Sul” (Dip, 2009: 137).

Em 1990, Caio publicou *Onde andaré Dulce Veiga?*, um romance jornalístico e musical, com cara de roteiro de cinema. E daí deu início a uma série de publicações traduzidas de suas obras, na Inglaterra, França e Alemanha. Em 2007 o cineasta Guilherme de Almeida Prado realizou um antigo projeto que tinha com Caio, de transformar o *Dulce Veiga* em filme. O longa foi exibido em circuito comercial.

### 3.1 A AIDS E O TESTE

Em 1979 enquanto Caio conquistava publicações e prêmios literários, a aids começava a ser noticiada pela imprensa nos Estados Unidos. No Brasil, a notícia começou a chegar em 1982. Não existiam muitas informações sobre o assunto. As matérias nos jornais diziam que a doença seria a peste gay, um câncer que chegava para exterminar todos os homossexuais do planeta, principalmente os do sexo masculino.

Diante dessa situação desconfortável, e do número de infectados aumentando a cada mês, em 1983, grupos de homossexuais organizavam-se para divulgar informações sobre a aids. Por meio de publicações e cartilhas, este que era

o grupo apontado como principal vítima da epidemia, reunia forças para alertar a população sobre as formas de prevenção da doença.



Imagem 1 – Jornal do Brasil, 1/7/1983



Imagem 2 – Folha de S. Paulo, 12/7/1983

A aids surgiu como uma epidemia sem solução, os médicos não encontravam vacina e nem explicações para a existência do vírus. Essa falta de informações assustava a população.

No mesmo período a doença, transmitida pelo sangue, começou a vitimar hemofílicos, por meio das transfusões sanguíneas necessárias para o tratamento da hemofilia. Em junho deste ano a doença já havia matado duas pessoas no Brasil. Sem muita certeza, médicos americanos apresentavam as primeiras possibilidades de vacina, com a utilização de ozônio.



Imagem 3 – Jornal do Brasil, 15/8/1984



Imagem 4 - O Globo, 15/7/1983

Em junho de 1983, o Brasil registrou a primeira morte de uma pessoa conhecida pela sociedade. O estilista Markito era conhecido nacionalmente, e foi referência da moda brasileira no início da década de 1980. Ele assinava roupas usadas por artistas como Simone, Gal Costa, Ney Matogrosso, Sônia Braga e Marília Pêra. No ano seguinte, morreu o radialista Décio Caldeira e o número de contaminados não parava de crescer no país e no mundo.

Em março de 1987 Caio citou a morte do estilista para mais uma vez cutucar a sociedade quanto ao preconceito em relação aos soropositivos. “Tem muita gente contaminada pela mais grave manifestação do vírus – a aids psicológica. Do corpo, você sabe, tomados certos cuidados, o vírus pode ser mantido a distância.” (Abreu, 2006: 59)

Três anos depois, em 1990, quando Cazuzza morreu, Caio foi até o Rio de Janeiro para o enterro do amigo. Ele escreveu sobre a experiência em carta a Maria Lídia Magliani, pintora com quem trocou correspondência durante vários anos. “Acabou sendo bonito, toda aquela gentalha em prantos provavelmente porque o identificava como a bicha aidética do barraco da frente” (Abreu, 2002:184).

Caio era um escritor de personalidade forte. Na década de 1990 ele já era referência literária de duas gerações. Participava de palestras para adolescentes alunos de pré-vestibular, e recomendava: “Muito sexo, drogas e rock & roll – que é tudo que eles (os adolescentes) precisam, certo?” (Abreu *apud* Dip, 2009: 382).

Em 1992 Caio foi contemplado com uma bolsa que a França oferecia a escritores de países economicamente menos desenvolvidos, e foi morar na cidade de Saint Nazaire, a convite da Editora Arcane 17. Ele tinha apartamento, salário, além de passes de táxi, metrô, cinema e teatro, e em contrapartida escreveu a novela *Bem longe de Marienbad*.

Nesse período Caio participou do lançamento de *Onde andaré Dulce Veiga?* em italiano, e esteve em congressos de literatura em Berlim e Erlagem. O fato de ter relacionamentos homossexuais e escrever sobre o tema em crônicas e contos, fez com que, algumas vezes, ele fosse tachado como escritor de literatura homossexual. Ele costumava fazer brincadeiras sobre o assunto: “Uma semana de literatura gay em Berlim, depois um congresso de literatura (hétero?) em Erlagem, Alemanha, depois volto a Berlim para mais literatura – hétero” (Abreu *apud* Dip, 2009: 382).

Depois dessa temporada no exterior, em 22 de agosto de 1993 as crônicas de Caio voltaram a aparecer no *O Estado de S. Paulo*. Em 18 de setembro de 1994, com a publicação da crônica intitulada *Última carta para além dos muros*, Caio abriu sua vida pessoal aos leitores ao revelar que havia contraído o vírus HIV. Ele não teve medo de mostrar a cara, assim como Cazuza havia feito anos antes.

A postura que ele teve perante o público foi valente, e com base na correspondência que o autor trocou com amigos e familiares durante a vida, e no desenvolvimento das crônicas que publicou nos anos seguintes, tenho certeza de que o diálogo com o leitor foi fundamental para confortar e fortalecer Caio Fernando Abreu diante da doença. “Chorei algumas vezes porque a vida me dá pena, e é tão bonita [...] Me sinto privilegiado por poder vivenciar minha própria morte com lucidez e fé” (Abreu, 2002: 312), escreveu em carta para Maria Lídia Magliani, e assinou referindo-se a si mesmo como “Caio F. (finalmente um escritor positivo)” (Abreu, 2002: 313).

O jornalista sofreu com o preconceito, mas encontrou na dificuldade forças para plantar sementes de transformação na sociedade. Caio deu entrevistas para jornais e tevês, escreveu crônicas e contos onde a aids aparecia com naturalidade.

Quero banalizar a aids, falar muito dela, que já não é um tema do nosso cotidiano, presente na vida de todos nós. Hoje todo mundo tem um primo, um amigo, um vizinho que é HIV positivo (Abreu, 2006: 437).

#### 4. O ESCRITOR POSITIVO

Não houve aquele momento em que você pode decidir se vai em frente, se volta atrás, se vira à esquerda ou à direita. se houve, eu não lembro. Tenho a impressão que a vida, as coisas foram me levando. Levando em frente, levando embora  
Caio Fernando Abreu, *Triângulo da Águas*

Quando descobriu ser portador do vírus HIV Caio foi morar na casa dos pais, em Porto Alegre. Dedicou os dias a revistar textos, organizar livros e passou a cultivar um jardim. Neste período os sintomas da doença começaram a aparecer entre flores nas crônicas de Caio.

Em 1995 organizou e publicou o livro de contos *Ovelhas Negras*, onde reuniu histórias da adolescência até chegar nas experiências londrinas. Ele define a obra como: “Uma espécie de autobiografia ficcional, uma seleta de textos que acabaram ficando fora dos livros individuais. Alguns proibidos pela censura militarista; outros, por mim mesmo” (Abreu, 2002: 3).

A primeira vez que Caio citou a aids em suas crônicas foi no dia 6 de maio de 1986 no texto intitulado *A vida é uma brasa, mora?*

Não pensem que não sei onde estou metido, pessoas cirandando em torno de um poste, madrugada de sábado no Bexiga, engarrafamentos de trânsito, pressa dentro dos táxis, dragão tatuado no braço, muito busto, muita coxa, Hélio que vai para a Europa, *yuppies* na Oscar Freire, Bruna Lombardi, Diadorim, homem-mulher, feijoada no Supremo, nenhuma importância, só porque sei onde estou metido, outra vítima da AIDS, pare de me testar: sou legal (Abreu, 1986: 2).

Durante os anos em que escreveu para o *Caderno 2*, Caio fez outros comentários sobre a aids, como na crônica *Reflexões de um fora-da-lei do atrolho*, publicada em março de 1994, em que ele alertava: “Não atrolhe sua vida, não atrolhe a vida alheia! Contra aids, camisinha; contra Atrolho, consciência”. (Abreu, 2007: 98). E também no texto *Beta, Beta, Bethânia* quando ele dizia: “Sei: a Aids está solta, e o que era possibilidade de amor agora é possibilidade de morte. Nem por isso é possível parar de amar. Você consegue? Eu, não. Tenho medo” (Abreu, 1987: 2).

Novamente, no dia 25 de fevereiro ele comentou:

O que está acontecendo com esse país? – continuei a perguntar lá, como pergunto aqui. E todos respondiam, lá, o mesmo que aqui: dengue, meningite, Aids, caos econômico, falta de amor, falta de esperança, falta de futuro (Abreu, 1987: 2).

Com desenvoltura e naturalidade, no início Caio Fernando Abreu chamava atenção para as formas de prevenção, e também fazia comentários sobre como a doença obrigava toda aquela geração a mudar o comportamento de liberdade sexual vivido por muitos jovens até ali.

Seja lá como for, tenho sempre caixa de camisinha no banheiro – mas não pinta nem oportunidade de usá-las. O pior disso tudo é que mexeu com a capacidade de encantamento da gente. Você já não olha mais, nem é olhado (Abreu *apud* Dip, 2009: 296).

Ele também falava ao leitor sobre o desconforto gerado pela doença ter sido tachada como câncer dos homossexuais. Que culpa têm os homossexuais? E o que a sexualidade tem, de fato, a ver com a contaminação pelos vírus da aids? Ele escreveu:

Homossexualidade não existe, nunca existiu. Existe sexualidade – voltada para um objeto qualquer de desejo. Que pode ou não ter genitália igual, e isso é detalhe. Mas não determina maior ou menor grau de moral ou integridade [...] Acontece apenas que a única forma possível de consumação do ato sexual entre homens é mais favorável a transmissão do vírus (Abreu, 2006: 59).

Na *A mais justa das saias* o autor escreve um texto que questiona o mito de que a doença seria um câncer gay, uma condenação aos homossexuais. “Está na Bíblia, em Jônatas e Davi ‘... a alma de Jônatas apegou-se a alma de Davi e Jônatas o amou como a si mesmo’ – 1 Samuel, 18 –” (Abreu, 2006: 58), e termina dizendo: “Ô gente, vamos continuar namorando. Era tão bom” (Abreu, 2006: 60).

No dia 21 de agosto de 1994, foi publicada a crônica intitulada *Primeira carta para além dos muros*. Ainda em tom bastante lúdico e misterioso. Essa seria a primeira de uma série de três crônicas consecutivas, onde Caio revelaria aos leitores ser portador do HIV. Os muros a que ele se refere no título são as paredes do hospital em que esteve internado quando voltou de viagem da Europa. Sentindo-se mal, foi ao médico, fez o teste e descobriu que era soropositivo.

Neste primeiro momento, ele foi bastante discreto ao falar a respeito da doença. Na crônica, ele dizia: “Veias inchadas, feridas, cheias de fios, e tubos

plásticos ligados a agulhas enfiadas nas veias para dentro das quais escorrem líquidos que dizem, vão me salvar” (Abreu, 2006: 106).

Duas semanas depois, no dia 4 de setembro de 1994, foi publicada a *Segunda carta para além dos muros*. Nesta segunda carta ele enfrenta a doença com fé em médicos e amigos, que acompanham os momentos de dor e tristeza. Ele diz: “No caminho do inferno encontrei tantos anjos” (Abreu, 2006: 109). Caio passou a conviver também com a presença da morte: “Neste fio estreito, esticado feito corda bamba, nos equilibramos todos” (Abreu, 2006: 111).

Em 18 de setembro de 1994, foi publicada a *Última carta para além dos muros*. Com chamada na capa do jornal, Caio dá notícia aos leitores sobre a contaminação.

Voltei da Europa em junho, me sentindo doente. Febres, suores, perda de peso, manchas na pele. Procurei um médico e, à revelia dele, fiz O Teste. Aquele. Depois de uma semana de espera agoniada, o resultado: HIV positivo (Abreu, 2006: 112).

Caio se refere ao leitor como um amigo, alguém que participa de sua vida e precisa saber o que se passa. “Conto para você porque não sei ser senão pessoal, impudico, e sendo assim preciso te dizer: mudei, embora continue o mesmo.” (Abreu, 2006: 113). Ele conta sobre a doença, e diz que escrever é a única coisa que parece fazer sentido em sua vida.

Escuta bem, vou repetir no teu ouvido, muitas vezes: a única coisa que posso fazer é escrever, a única coisa que posso fazer é escrever, a única coisa que posso fazer é escrever (Abreu, 2006: 108).

Como se, deitado na cama de um hospital, com tubos jorrando remédios dentro de suas veias, sem poder levantar, sair, passear. Sentado, a única coisa que Caio podia fazer era escrever.

No primeiro parágrafo da *Última carta para além dos muros*, Caio ostentou:

Imagino que você tenha achado as duas cartas anteriores obscuras, enigmáticas como aquelas dos almanaques de antigamente. Gosto sempre do mistério, mas gosto mais da verdade. E por achar que esta lhe é superior te escrevo agora assim, mas claramente. Não vejo nenhuma razão para esconder. Nem sinto culpa, vergonha ou medo (Abreu, 2006: 112).

Durante os dezessete meses em que Caio viveu sabendo ser soropositivo, a doença esteve presente em forma de sintomas, angústias, remédios e saias justas

nos textos do jornalista. “Passo noites longas, difíceis, sono raro, entre fragmentos febris de suores e pesadelos” (Abreu, 2006: 192).

A morte também passou a fazer parte dos temas abordados por Caio, como se a doença exigisse que ele estivesse sempre alerta à preciosidade da vida. “Ninguém sabe quando passa o trem. Nem para onde vai. E não se leva nada. Isso é tudo que sabemos” (Abreu, 2006: 192).

#### 4.1 GIRASSÓIS

Com a pesquisa que fiz no acervo da biblioteca do Senado Federal encontrei cento e trinta e nove crônicas que não entraram no livro *Pequenas epifanias*, então, no total pude analisar cento e cinquenta e dois textos publicados pelo Caio no *O Estado de S. Paulo*. Com auxílio da professora Mônica Prado classifiquei os assuntos abordados pelo escritor em cada uma delas, para assim, poder identificar os textos em que o escritor abordou o tema aids.

Pude notar diversas manifestações e opiniões do autor acerca do tema. Após contrair o vírus, o escritor passou a lutar pelo não preconceito contra os doentes e pela desmistificação da doença.

O jornalista deu entrevistas para canais de televisão, participou de debates, falou em palestras, e usou o espaço que tinha no *O Estado de S. Paulo* para desabafar com o leitor sobre os sintomas da aids, as febres, suores e exames. Ele mostrou ao leitor, com a naturalidade do dia a dia, que a vida seguia normalmente, apesar da doença.

A última crônica de Caio, publicada no *O Estado de S. Paulo* foi *A morte dos girassóis*, no dia 4 de fevereiro de 1996, com a informação de que estava sendo republicada por motivo de férias do autor. A crônica já havia sido publicada em 18 de março de 1995 no jornal *Zero Hora*.

Caio morreu três semanas depois, no dia 25 de fevereiro de 1996, em decorrência de uma insuficiência respiratória, no hospital Moinhos dos Ventos, em Porto Alegre. Ele enfrentou bravamente a aids e a sociedade, como um jardineiro plantando palavras de fé e otimismo.

Em 1996 a Companhia das Letras publicou o livro *Estranhos estrangeiros*, obra em que Caio estava trabalhando antes de morrer. E no ano seguinte a mesma editora lançou *Teatro completo* (1997), uma antologia de peças de teatro escritas por Caio, que foi atualizada e reeditada em 2009 pela editora Agir.

## 5. CONCLUSÃO

Não se preocupe com não-respostas e longos silêncios.  
Caio Fernando Abreu, *Cartas*

A personalidade forte de Caio Fernando Abreu sempre chamou muito a minha atenção. Tanto nos contos, como nas crônicas, ele se mostrava para o leitor sem máscaras ou meias palavras. Considero que, diante da posição de uma espécie de porta voz da geração dos anos 1970/1990, com o surgimento da aids, o escritor foi uma semente de transformação na maneira como a doença é percebida pela sociedade.

Anos antes do resultado dar positivo para Caio, quando o cantor Cazuzza assumiu a doença publicamente e em poucos meses definhou entre shows gravações e tratamentos internacionais, ele pedia piedade para a sociedade careta que o julgava, de maneira preconceituosa, acusando-o por sua própria tragédia.

No início da década de 1990 o tratamento para aids ainda estava sendo testado, e pouco os médicos podiam fazer pelos contaminados. Como se não bastasse o conflito de ter que encarar a morte bem no auge da vida, os doentes ainda tinham, e têm até hoje, que lidar com um forte preconceito acerca da doença.

Penso que o preconceito em relação a aids existe pois vivemos numa sociedade pudica e conservadora (católica apostólica romana). E sendo a aids uma doença, que em muitos casos é transmitida por meio de relações sexuais, a vítima passa a ser considerada um pecador que recebe a punição de Deus por conta da vida transviada que leva. Além disso, há também o afastamento e a rejeição por medo da contaminação.

Durante a faculdade tive a oportunidade de realizar um trabalho em uma comunidade de soropositivos, localizada na cidade Recanto das Emas, no Distrito Federal. Na ocasião pude conversar e conhecer um pouco mais sobre a realidade dessas pessoas que sofrem, até hoje, todo tipo de preconceito na sociedade por serem portadores do vírus HIV. Essas pessoas têm dificuldades para encontrar emprego, e até mesmo para serem atendidas pelo sistema de saúde que deveria ser oferecido pelo governo. Ouvi histórias tristes de médicos que se recusaram a

examinar pacientes com medo da contaminação e solicitaram que os próprios moradores tocassem no paciente enquanto o médico analisava de longe a situação do doente. Isso em pleno século XXI. Imagine-se como era na década de 1990?

Caio foi um guerreiro, e usou o espaço que tinha na mídia para tentar desmistificar a doença e diminuir o preconceito. Ele falou para o leitor sobre aids, sintomas, dificuldades com remédios, com tratamentos, dores e angústias de maneira natural.

Escrever essa monografia foi para mim como colecionar um lindo álbum de figurinhas, cheio de cromos raras, que quase ninguém tem. Conhecer Caio mais de perto, fazer contato com a família dele, conversar com amigos íntimos, com gente que também estuda a obra do Caio, tudo isso faz com que eu me sinta extremamente confortável e feliz, tanto no campo pessoal como no intelectual e profissional.

Caio mais uma vez me aproxima da literatura de maneira mágica e florida, com girassóis, estrelas, sonhos, viagens e muita coragem para enfrentar toda essa batalha.

Daqui para frente a ideia é organizar uma antologia com todas as crônicas que Caio publicou no *O Estado de S. Paulo*, junto com as que já estão no *Pequenas epifanias*, e se eu tiver condições financeiras, pretendo ir até São Paulo, buscar no arquivo do próprio jornal as crônicas que faltam para completar a coleção. Daí, como sugeriu o professor Severino Francisco, vou apresentar o material para uma editora, e tentar uma publicação. Acho que tudo vai dar pé!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Caio Fernando. *Cartas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Limite branco*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O ovo apunhalado*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Ovelhas negras*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Pequenas epifanias*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- BESSA, Marcelo Secron. *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a AIDS*. Record, 1997.
- CALLEGARI, Jeanne. *Caio Fernando Abreu – inventário de um escritor irremediável*. São Paulo: Seoman 2008.
- DIP, Paula, *Para sempre teu, Caio F. – cartas memórias, conversas de Caio Fernando Abreu*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- MELO, José Marques de. *Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos de Jordão: Mantiqueira, 2003.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2008.

## PERIÓDICOS

- ABREU, Caio Fernando. *O Estado de S. Paulo*. 26/5/1986.
- \_\_\_\_\_. 11/2/1987.
- \_\_\_\_\_. 25/2/1987.
- \_\_\_\_\_. 7/5/1988.
- \_\_\_\_\_. 15/8/1993.
- \_\_\_\_\_. 18/9/1994.
- \_\_\_\_\_. 9/12/1995.
- \_\_\_\_\_. 26/2/1996.

**LISTA DE IMAGENS**

Imagem 1 – Jornal do Brasil, 1/7/1983.

Imagem 2 – Folha de S. Paulo, 12/7/1983.

Imagem 3 – Jornal do Brasil, 15/8/1984.

Imagem 4 - O Globo, 15/7/1983.

## ANEXOS

### Primeira carta para além dos muros

Alguma coisa aconteceu comigo. Alguma coisa tão estranha que ainda não aprendi o jeito de falar claramente sobre ela. Quando souber finalmente o que foi, essa coisa estranha, saberei também esse jeito. Então serei claro, prometo. Para você, para mim mesmo. Como sempre tentei ser. Mas por enquanto, e por favor, tente entender o que tento dizer.

É com terrível esforço que te escrevo. E isso agora não é mais apenas uma maneira literária de dizer que escrever significa mexer com funduras - como Clarice, feito Pessoa. Em Carson McCullers doía fisicamente, no corpo feito de carne e veias e músculos. Pois é no corpo que escrever me dói agora. Nestas duas mãos que você não vê sobre o teclado, com suas veias inchadas, feridas, cheias de fios e tubos plásticos ligados a agulhas enfiadas nas veias para dentro das quais escorrem líquidos que, dizem, vão me salvar.

Dói muito, mas eu não vou parar. A minha não-desistência é o que de melhor posso oferecer a você e a mim neste momento. Pois isso, saiba, isso que poderá me matar, eu sei, é a única coisa que poderá me salvar. Um dia entenderemos talvez. Por enquanto, ainda estou um pouco dentro daquela coisa estranha que em aconteceu. É tão impreciso chamá-la assim, a Coisa Estranha. Mas o que teria sido? Uma turvação, uma vertigem. Uma voragem, gosto dessa palavra que gira como um labirinto vivo, arrastando pensamentos e ações nos seus círculos cada vez mais velozes, concêntricos, elípticos. Foi algo assim que aconteceu na minha mente, sem que eu tivesse controle algum sobre o final magnético dos círculos içando o início de outros para que tudo recomeçasse. Todos foram discretos, depois, e eu também não fiz muitas perguntas, igualmente discreto. Devo ter gritado, e falado coisas aparentemente sem sentido, e jogado coisas para todos os lados, talvez batido em pessoas.

Disso que me aconteceu, lembro só de fragmentos tão descontínuos que. Que - não há nada depois desse que dos fragmentos - descontínuos. Mas havia a maca de metal com ganchos que se fechavam feito garras em torno do corpo da pessoa, e meus dois pulsos amarrados com força nesses ganchos metálicos. Eu tinha os pés nus na madrugada fria, eu gritava por meias, pelo amor de Deus, por

tudo o que é mais sagrado, eu queria um par de meias para cobrir meus pés. Embora amarrado como um bicho na maca de metal, eu queria proteger meus pés. Houve depois a máquina redonda feita uma nave espacial onde enfiaram meu cérebro para ver tudo que se passava dentro dele. E viram, mas não me disseram nada.

Agora vejo construções brancas e frias além das grades deste lugar onde me encontro. Não sei o que virá depois deste agora que é um momento após a Coisa Estranha, a turvação que desabou sobre mim. Sei que você não compreende o que digo, mas compreenda que eu também não compreendo. Minha única preocupação é conseguir escrever estas palavras - e elas doem, uma por uma - para depois passá-las, disfarçando, para o bolso de um desses que costumam vir no meio da tarde. E que são doces, com suas maçãs, suas revistas. Acho que serão capazes de levar esta carta até depois dos muros que vejo a separar as grades de onde estou daquelas construções brancas, frias.

Tenho medo é desses outros que querem abrir minhas veias. Talvez não sejam maus, talvez eu apenas não tenha compreendido ainda a maneira como eles são, a maneira como tudo é ou tornou-se, inclusive eu mesmo, depois da imensa Turvação. A única coisa que posso fazer é escrever - essa é a certeza que te envio, se conseguir passar esta carta para além dos muros. Escuta bem, vou repetir no teu ouvido, muitas vezes: a única coisa que posso fazer é escrever, a única coisa que posso fazer é escrever.

### **Segunda carta para além dos muros**

No caminho do inferno encontrei tantos anjos. Bandos, revoadas, falanges. Gordos querubins barrocos com as bundinhas de fora; serafins agudos de rosto pálido e asas de cetim; arcanjos severos, a espada em riste para enfrentar o mal. Que no caminho do inferno, encontrei, naturalmente, também demônios. E a hierarquia inteira dos servidores celestes armada contra eles. Armas do bem, armas da luz: no pasarán!

Nem tão celestiais assim, esses anjos. Os da manhã usam uniforme branco, máscaras, toucas, luvas contra infecções, e há também os que carregam vassouras,

baldes com desinfetantes. Recolhem as asas e esfregam o chão, trocam lençóis, servem café, enquanto outros medem pressão, temperatura, auscultam peito e ventre. Já os anjos debochados do meio da tarde vestem jeans, couro negro, descoloriram os cabelos, trazem doces, jornais, meias limpas, fitas de Renato Russo celebrando a vitória de Stonewall, notícias da noite (onde todos os anjos são pardos), recados de outros anjos que não puderam vir por rebordosa, preguiça ou desnecessidade amorosa de evidenciar amor.

E quando sozinho, depois, tentando ver os púrpuras do crepúsculo além dos ciprestes do cemitério atrás dos muros - mas o ângulo não favorece, e contemplo então a fúria dos viadutos e de qualquer maneira, feio ou belo, tudo se equivale em vida e movimento - abro as janelas para os anjos eletrônicos da noite. Chegam através de antenas. Fones, pilhas, fios. Parecem-se às vezes com Cláudia Abreu (as duas, minha brava irmã e a atriz de Gilberto Braga), mas podem ter a voz caída de Billie Holiday perdida numa FM ou os vincos cada vez mais fundos ao lado da boca amarga de José Mayer. Homens, mulheres, você sabe, anjos nunca tiveram sexo. E alguns trabalham na TV, cantam no rádio. Noite alta, meio farto de asas ruflando, liras, rendas e clarins, despenco no sono plástico dos tubos enfiados em meu peito. E ainda assim eles insistem, chegados desse Outro Lado de Todas as Coisas.

Reconheço um por um. Contra o fundo blue de Derek Jarman, ao som de uma canção de Freddy Mercury, coreografados por Nuriev, identifico os passos bailarinos-nô de Paulo Yutaka. Com Galizia, Alex Vallauri espia rindo atrás da Rainha do Frango Assado e ah como quero abraçar Vicente Pereira, e outro Santo Daime com Strazzer e mais uma viagem ao Rio com Nelson Pujol Yamamoto. Wagner Serra pedala bicicleta ao lado de Curill Collard, enquanto Wilson Barros esbraveja contra Peter Greenaway, apoiado por Néelson Perlongher. Ao som de Lóri Finokiario, Hervé Guibert continua sua interminável carta para o amigo que não lhe salvou a vida. Reinaldo Arenas passou a mão devagar em seus cabelos claros. Tantos, meu Deus, os que se foram. Acordo com a voz safada de Cazuzza repetindo em minha orelha fria: "Quem tem um sonho não dança, meu amor".

Eu desperto, e digo sim. E tudo recomeça.

Às vezes penso que todos eles parecem vindos das margens do rio Narmada, por onde andaram o menino cego cantor, a mulher mais feia da Índia e o monge endinheirado de Gita Mehta. Às vezes penso que todos são cachorros com crachás

nos dentes, patas dianteiras furadas por brasas de cigarro para dançar melhor, feito o conto que Lygia Fagundes Telles mandou. E penso junto, sem relação aparente com o que vou dizendo: sempre que vejo ou leio Lygia, fico estarecido de beleza.

Pois repito, aquilo que eu supunha fosse o caminho do inferno está juncado de anjos. Aquilo que suja treva parecia guarda seu fio de luz. Nesse fio estreito, esticado feito corda bamba, nos equilibramos todos. Sombrinha erguida bem alto, pé ante pé, bailarinos destemidos do fim deste milênio pairando sobre o abismo.

Lá embaixo, uma rede de asas ampara nossa queda.

### **Última carta para além dos muros**

Porto Alegre - Imagino que você tenha achado as duas cartas anteriores obscuras, enigmáticas como aquelas dos almanaques de antigamente. Gosto sempre do mistério, mas gosto mais da verdade. E por achar que esta lhe é superior te escrevo agora assim, mais claramente. Nem sinto culpa, vergonha, ou medo.

Voltei da Europa em junho me sentindo doente. Febres, suores, perda de peso, manchas na pele. Procurei um médico e, à revelia dele, fiz O Teste. Aquele. Depois de uma semana de espera agoniada, o resultado: HIV Positivo. O médico viajara para Jokorama, Japão. O teste na mão, fiquei três dias bem natural, comunicado à família, aos amigos. Na terceira noite, amigos em casa, me sentindo seguro - enlouqueci. Não sei detalhes. Por auto-proteção, talvez, não lembro. Fui levado para o pronto socorro do Hospital Emílio Ribas com suspeita de um tumor no cérebro. No dia seguinte, acordei de um sono drogado num leito da enfermaria de infectologia, com minha irmã entrando no quarto. Depois, foram 27 dias habitados por sustos e anjos - médicos, enfermeiras, amigos, família, sem falar nos próprios - e uma corrente tão forte de amor e energia que amor e energia brotaram dentro de mim até tornaram-se uma coisa só. O de dentro e o de fora unidos em pura fé.

A vida me dava pena, e eu não sabia que o corpo ("meu irmão burro", dizia São Francisco de Assis) podia ser tão frágil e sentir tanta dor. Certas manhãs chorei, olhando através da janela os muros brancos do cemitério no outro lado da rua. Mas à noite, quando os néons acendiam, de certo ângulo a Dr. Arnaldo parecia o *Boulevard Voltaire*, em Paris, onde vive um anjo sufista que vela por mim. Tudo

parecia em ordem, então. Sem rancor nem revolta, só aquela imensa pena de Coisa Vida dentro e fora das janelas, bela e fugaz feito as borboletas que duram só um dia depois do casulo. Pois há um casulo rompendo-se lento, casca seca abandonada.

Após, o vôo do Ícaro perseguindo Apolo. E a queda?

Aceito todo dia. Conto para você, porque não sei ser senão pessoal, impudico, e sendo assim preciso te dizer: mudei, embora continue o mesmo. Sei que você compreende.

Sei também que, para os outros esse vírus de *science fiction* só dá me gente maldita. Para esse, lembra Cazuzza: "Vamos pedir piedade, Senhor, piedade para essa gente careta e covarde". Mas para você, revelo humilde: o que importa é a Senhora Dona Vida, coberta de ouro e prata e sangue e musgo do tempo e creme *Chantilly* às vezes e confetes de algum carnaval, descobrindo pouco apouco seu rosto horrendo e deslumbrante. Precisamos suportar. E beijá-la na boca. De alguma forma absurda, nunca estive tão bem. Armado com as armas de Jorge. Os muros continuam brancos, mas agora são de um sobrado colonial espanhol que me faz pensar em García Lorca; o portão pode ser aberto a qualquer hora para entrar ou sair; há uma palmeira, rosas cor-de-rosa no jardim. Chama-se Menino de Deus este lugar cantado por Caetano, e eu sempre soube que era aqui o porto. Nunca se sabe até que ponto seguro, mas - para lembrar Ana C., que me deteve à beira da janela - como como não se pode ancorar um navio no espaço, ancora-se neste porto. Alegre ou não: ave Lya Luft, ave Iberê, Quintana e Luciano Alabarse, chê.

Vejo Dercy Gonçalves, na Hebe, assisto *A Falecida* de Gabriel Villela no Teatro São Pedro; Maria Padilha conta histórias inéditas de Vicente Pereira; divido sushis com a bivariana Yolanda Cardoso; rezo por Cuba; ouço Bola de Nieve; gargalho com Déa Martins; desenho a quatro mãos com Laurinha; leio Zuenir Ventura para entender o Rio; uso a estrela do PT no peito (*Who Knows?*) ; abro o *Ching* ao acaso : *Shêng, a Ascensão* ; não perco *Éramos Seis* e agradeço, agradeço, agradeço.

A vida grita. E a luta, continua.

